



A Nata do lixo: a comunidade da Quadra e a relação com o outro através da mídia

Milena de Castro Ribeiro¹
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

RESUMO

Este artigo é um desdobramento da pesquisa de monografia de conclusão de curso e reflexões iniciais do projeto de mestrado que busca investigar a Comunidade da Quadra e sua relação com o entorno mediada pelos meios de comunicação, sejam eles comunitário ou de massa. Tem como objetivo principal apresentar considerações para compreender em que medida os veículos de comunicação (tanto os de circulação massificada como os de distribuição local) podem contribuir para a realização de uma *coabitação cultural*.

PALAVRAS-CHAVE: cidadania; comunidade; comunicação; jornal comunitário.

Introdução

Neste artigo, pretendo seguir o caminho traçado na pesquisa de monografia de conclusão de curso, realizada em 2007². A referida pesquisa investigou o conjunto habitacional São Vicente de Paulo³ sob o olhar jovem. Foi possível resgatar a história do conjunto habitacional, delimitando o cenário em que surgiu a então favela conhecida como Santa Cecília até a urbanização e o contexto atual, além de analisar os vários grupos formados por jovens na comunidade.

Na busca de constituir um olhar interno à comunidade, foram descritos e analisados os grupos formados por jovens moradores da Quadra. Nessa análise, os conceitos de comunidade, identidade e tribos foram importantes instrumentos de reflexão. Para analisar a visão desses jovens, foram realizados ainda dois grupos focais com seis moradores da comunidade, três integrantes do grupo de jovens da igreja e três

¹ Estudante da Especialização em Teorias da Comunicação e da Imagem do Programa de Pós-graduação em Comunicação do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará – UFC, email: milenabrasil@gmail.com.

² RIBEIRO, Milena de Castro. O luxo da aldeia: a comunidade da Quadra sob o olhar jovem. Fortaleza, 2007. Monografia apresentada no Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará – UFC. 96pg.

³ O conjunto habitacional São Vicente de Paulo, também conhecido como “Quadra”, fica localizado no bairro Aldeota, em Fortaleza-CE, delimitado pela Avenida Virgílio Távora e as ruas Beni de Carvalho, General Tertuliano Potiguara e Vicente Leite. De acordo com o Censo de 2000, residem nesta comunidade mais de 600 famílias, ocupando 444 casas. Atualmente, apesar da imprecisão dos dados, é estimada a presença de mais de 5.000 moradores.



integrantes do jornal comunitário “Voz da Quadra”. A partir da análise dos depoimentos, foi possível perceber como os jovens vêem a própria comunidade.

Este artigo é um desdobramento da pesquisa de monografia e inicia as reflexões para construção do projeto de mestrado que busca investigar a Comunidade da Quadra e sua relação com o entorno mediada pelos meios de comunicação, sejam eles comunitário ou de massa.

A escolha de realizar o estudo em uma comunidade pobre, localizada em um bairro nobre de Fortaleza, é justificada pela presença de características dessa comunidade que podem ser relacionadas com várias outras que se espalham pela cidade de Fortaleza e por todo o Brasil. O conjunto habitacional São Vicente de Paulo é um exemplar de uma comunidade pobre inserida em um bairro constituído por grande parte de moradores de poder aquisitivo maior.

No atual contexto de grande desigualdade social, medo e violência em que as grandes cidades brasileiras se inserem, é forte a tendência de responsabilizar as comunidades pobres por essas situações de violência. As ditas “favelas” levam a culpa de “sujar” a paisagem das grandes cidades.

Nesse sentido, através de apontamentos deste artigo e futura análise em pesquisa de mestrado, pretendo ter subsídios importantes para compreender em que medida os veículos de comunicação (tanto os de circulação massificada como os de distribuição local) podem interferir na vida dessas comunidades pobres, particularmente no que diz respeito aos jovens. Além disso, mostrar o que os jovens pensam sobre o tratamento que sua comunidade tem recebido de grande parte da mídia e como tem reagido a isso através da produção de notícias nos jornais comunitários, como o exemplo do Jornal Voz da Quadra.

É preciso analisar criticamente esse jornalismo que opta por estigmatizar comunidades pobres e avaliar as conseqüências da produção desqualificada da informação para o público. A partir dessa situação, a hipótese a ser avaliada é a de que os sentidos culturais produzidos pela grande mídia, como também pelo jornal comunitário, são capazes de organizar e orientar as práticas sociais, influenciando a conduta de uma sociedade, com efeitos reais.

A motivação para realizar essa pesquisa na Quadra surgiu quando passei a freqüentar o local durante as oficinas de comunicação com os jovens no período de graduação em Comunicação Social. Moradora do entorno da comunidade desde a infância, apenas no quarto semestre de faculdade, com o objetivo de realizar alguma



ação de comunicação comunitária, conheci a Quadra⁴. O projeto realizado na disciplina de Jornalismo Comunitário, da Universidade Federal do Ceará, foi me conduzindo aos poucos ao caminho da monografia, da especialização e de projeto de mestrado.

Compartilho da concepção de “objeto paixão-pesquisa” de Baptista⁵ como pressuposto fundamental para a pesquisa. No sentido em que há quase seis anos venho me debruçando sobre esse assunto, convivendo e me interessando ainda mais pelo universo de possibilidades dessa comunidade. Ao mesmo tempo em que por anos fiz parte apenas da população do entorno, morando nos prédios ao redor, hoje me sinto parte também da Quadra ao integrar a equipe do jornal comunitário há 6 anos.

Existem poucas publicações e pesquisas específicas sobre a Quadra. Foram constatados estudos anteriores sobre o movimento hip hop, estudos de recepção, sobre as áreas de lazer na comunidade e pesquisa recente sobre o jornal comunitário, mas nenhum com os objetivos propostos para pesquisa.

Com mais de 50 anos de existência, a comunidade da Quadra desperta o interesse da mídia e dos moradores do entorno, por suas características, pela resistência e forma de organização. E, por isso, é interessante, do ponto de vista acadêmico, trazer novas análises sobre essa realidade mostrada “pelos de fora” e vivenciada “pelos de dentro”.

Por dentro da Quadra: a comunidade

Para desenvolver estudos no Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo, é preciso refletir sobre a definição de *comunidade* de Maffesoli (1987:27), que trata o surgimento da ideia comunitária não por uma razão social específica, mas por uma “contaminação do imaginário coletivo”. Seria, então, essa memória coletiva responsável e efeito da construção de uma comunidade.

Assim sendo, insisto, para evitar qualquer desvio moralizante, que, é por força das circunstâncias, é porque existe proximidade (promiscuidade), é porque existe a partilha de um mesmo *território* (seja ele real ou simbólico), que vamos

4 A experiência do Jornal Voz da Quadra foi relatada em artigo apresentado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. “Voz da Quadra: a experiência do jornal comunitário no conjunto habitacional São Vicente de Paulo (Quadra)”, pela autora.

⁵ “O sujeito só produz, se deseja, se algo o mobiliza. A paixão é plena de dispositivos de mobilização. E é assim que me situo (...) Trago para compartilhar pistas de um conhecimento que venho produzindo, contaminado de emoção assumida. Sim, porque vivemos muito tempo produzindo saber com a emoção escondida e, mais que isso, negada, como se fosse crime”. (BAPTISTA, 2001)



nascer a idéia comunitária e a ética que é o seu corolário. (MAFFESOLI, 1987, p.24).

A comunidade da Quadra surgiu por volta de 1956, quando um primeiro grupo de pessoas fixou residência na então favela Santa Cecília, que apresentava uma situação precária de vida. Após formação do Conselho Comunitário, com ajuda da igreja, foram iniciadas obras de distribuição de água. Somente no início da década de 80, através de solicitação dos moradores, a comunidade começou a ser saneada.

Silva (1992:126) relata através de depoimento de um morador que, por volta de 1978, a favela era conhecida pela violência e os vizinhos ricos da Aldeota pediam a sua transferência. Como os moradores tinham empregos nas proximidades e um conjunto de facilidades no bairro, evitaram a expulsão “através de uma longa resistência popular”. Até hoje, os moradores se orgulham de terem conseguido através da carta sensibilizar a primeira-dama na época a realizar o projeto de urbanização da comunidade.

Com o passar dos anos, a comunidade foi se fixando, crescendo e se organizando. Mas, com a grande quantidade de moradores em um espaço pequeno, ainda é possível perceber alguns problemas infra-estruturais. Já no entorno da Quadra, o bairro Aldeota foi sofrendo um processo de intensa valorização pelo setor imobiliário, com a construção de grandes prédios e valorização do comércio.

Silva (1992:50) explica que houve uma busca por novos espaços pela burguesia que residia nas imediações da área central, implicando em alterações marcantes na cidade e na super valorização de alguns bairros, como a Aldeota, Meireles, entre outros.

Para Martín-Barbero (2003:286), o bairro proporciona referências para “a construção de um *a gente*, ou seja, de uma ‘sociabilidade mais ampla do que aquela que se baseia nos laços familiares, e ao mesmo tempo mais densa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade’ ”.

Hoje, de tão contrastante é a realidade da Aldeota em relação à Quadra, fica difícil reconhecer essa comunidade como integrada ao bairro nobre. E esse contraste colabora para a estigmatização sofrida pelos moradores da Quadra no próprio bairro, pelos seus vizinhos da classe média, sendo reproduzida nos meios de comunicação. Essa sensação da classe média é descrita por Benevides ao definir *avizinhamento*:

O novo e assustador é o avizinhamento, que se faz cada vez mais próximo entre essas coisas e nós, habitantes das zonas privilegiadas em que a violência, insegurança e medo sempre tiveram muito mais a ver com o que se passava dentro das paredes de cada casa, ou dentro da alma de cada um, do que com o



desmoronar das frágeis barreiras que nos protegiam contra os ataques das ‘classes perigosas (BENEVIDES, 1983, p.23).

A classe social torna-se então o referente para a separação entre a Quadra e o restante da Aldeota. Paiva (2003:72) identifica o declínio da importância da comunidade local e o surgimento de novos referentes para formação de comunidades. “A identificação territorial, que para a cidade e a nação tem sido historicamente importante, cede lugar a identificações – o que é fundamental para a existência da comunidade – pautadas por outros referentes, como ideologia, classe social, etc”. (PAIVA, 2003, p.72).

Os de fora: a relação entre pobreza e violência

Os jovens que moram na Quadra já nasceram no presente contexto da Aldeota, bairro valorizado economicamente, com comércios, prédios altos e moradores de classe média e alta. Desde cedo, os jovens tiveram que aprender a viver no conflito de morar em uma comunidade pobre, mas localizada em um bairro nobre.

Zaluar (1994:41) identifica *pobreza* como um conceito comparativo, reflexo da grande desigualdade social. “Esta não é uma consequência de sua cultura, mas o resultado de políticas públicas que provocam uma real privação material e uma real exclusão dos pobres nos campos ocupacional, educacional e político” (Zaluar, 1994, p.41).

Essa desigualdade entre os vizinhos gera um clima de tensão, criando um grande distanciamento entre os jovens moradores dos prédios de classe média e os jovens moradores da Quadra. E a identificação da pobreza e violência, feita por alguns meios de comunicação, por exemplo, contribuem e reforçam a estigmatização das ‘classes perigosas’, do pobre sempre suspeito.

Os jovens da Quadra são relacionados a situações de assaltos e consumo de drogas em matérias publicadas em mídias de grande alcance. Algumas notícias sugerem o grau de violência daquele local bastante visado pelas construtoras. Os jornais estampam, com destaque, os cruzamentos localizados no entorno da Quadra como sendo “os mais perigosos da cidade” ou ainda afirmam ser comum a presença de drogas na comunidade⁶. E são justamente essas notícias que chegam ao alcance dos jovens

⁶ Matéria intitulada “Onda de assaltos provoca terror”, de 15/3/2007, publicada no Jornal Diário do Nordeste, ver em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=414933>.



moradores dos prédios da Aldeota, aumentando cada vez mais o temor e a distância em relação à comunidade.

A matéria intitulada “Onda de assaltos provoca terror”, de 15/3/2007, publicada no Jornal Diário do Nordeste, tem como legenda de foto o texto: “cruzamento da Avenida Virgílio Távora com Beni Carvalho é apontado como perigoso”. A matéria narra um assalto a um homem que estava em seu carro e identifica os cruzamentos mais perigosos.

“Final de tarde e um homem de meia idade, bem vestido, invade um estabelecimento comercial procurando ajuda. Em estado de choque, ele diz que abandonou seu veículo, uma Cherokee, no cruzamento das ruas Coronel Jucá e Beni de Carvalho, perto da Favela do Trilho, depois ser rendido por um homem armado com revólver anunciando o assalto.

O depoimento acima, dado por uma moradora do Dionísio Torres, que pede para não ter sua identidade revelada, mostra uma situação rotineira em alguns cruzamentos no bairro. Os mais perigosos ficam entre a Avenida Virgílio Távora com a rua Beni de Carvalho, Henriqueta Galeno com Coronel Jucá e Tertuliano Potiguar com Coronel Jucá”. (“Onda de assaltos provoca terror”, Jornal Diário do Nordeste, 15/03/2007)

Os locais apontados pela matéria coincidem com o entorno entre as comunidades da Quadra e do Trilho⁷, há o comentário na própria matéria sobre a proximidade com esta comunidade, levando o leitor a associar o assalto à comunidade. Em outra matéria, com o título “O poderio de fogo do tráfico”, do mesmo jornal, no dia 02 de novembro de 2009, encontramos a afirmação que em “qualquer domingo, cinco e meia, seis horas da manhã. Dos edifícios e casas da Aldeota, Dionísio Torres e Papicu, pode-se escutar o pipocar dos fogos de artifício anunciando a chegada de drogas nas comunidades do ‘Trilho’ e das ‘Quadras’”. Novamente as comunidades são associadas a crimes, agora com o contexto das drogas. E, novamente os jornalistas se utilizam de fontes moradores do entorno que não desejam ser identificados.

“Os moradores, que antes pensavam se tratar de comemorações atrasadas - ou antecipadas - de partidas de futebol, agora não têm mais dúvida. Os fogos anunciam carregamentos de drogas que chegam ao bairro. E mais, denunciam a prática que já era comum há muito tempo em outros Estados - especialmente Rio de Janeiro e São Paulo - e que agora faz parte da rotina dos fortalezenses. “Não tem jeito, a gente acorda e fica pensando no absurdo que isso representa”, relata a jornalista ‘Lúcia’ (nome fictício), que

E matéria “O poderio de fogo do tráfico”, do mesmo jornal, no dia 02 de novembro de 2009, ver em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=686508>.

⁷A Comunidade São Vicente de Paulo, conhecida como Comunidade do Trilho, fica localizada à margem da Via Expressa, próxima ao Parque do Cocó, com continuação até o Mucuripe.



mora no Dionísio Torres. (“O poderio de fogo do tráfico”, Jornal Diário do Nordeste, 02/11/2009)

Esses são exemplos de práticas recorrentes em jornais de grande circulação que claramente associam os assaltos, aumento da violência e tráfico de drogas realizado em bairro nobre com a presença das comunidades pobres, as favelas. A moradora que relatou o “absurdo” deve se surpreender ainda mais se pensar na possibilidade de parte desse “carregamento de drogas” ir para o seu prédio de classe média para consumo de algum morador. Mas, os jornais não costumam fazer essa relação e não é o objetivo do presente artigo tratar sobre as drogas.

O que queremos destacar é que esse rótulo de violento muitas vezes é colocado por parte de uma imprensa feita por profissionais que se preocupam apenas em propagar ideias pré-concebidas sobre as comunidades pobres, reforçando o estereótipo que relaciona pobreza à violência e drogas. Não há a preocupação em contextualizar ou refletir sobre o que leva à situação de violência e ao comércio de drogas. Percebe-se que o importante é informar que as drogas vêm daquela comunidade pobre, responsabilizando-a por todo o problema existente.

Um grupo de moradores da própria comunidade da Quadra, na tentativa de compartilhar a sua realidade, faz um jornal que trata de assuntos locais. Com mais de cinco anos de circulação, o jornal “Voz da Quadra” aborda outros assuntos, além da violência mostrada pela mídia de grande circulação da cidade.

Os de dentro: a busca pela valorização da comunidade

Para Maffesoli, estamos sempre ligados “ao outro” pela mediação da comunicação e “só podemos existir e compreendermo-nos na relação com o outro” (Maffesoli, 2003, p.13). Nessa perspectiva, é importante refletir sobre como os jovens da Quadra se relacionam com o “outro” que mora nas proximidades daquela comunidade, o “outro” da Aldeota, “o de fora”. É interessante interrogarmos como essas pessoas de mundos diferentes, que vivem em um mesmo bairro, conseguem se identificar.

A desigualdade social, sempre presente na realidade desses jovens, trouxe um modo particular de viver em comunidade, sem se “misturar” com os “de fora”, uma vida, em grande medida, restrita aos limites da própria comunidade. Mas, ao mesmo tempo, sem deixar de se perceber na relação com o outro.



Para o indivíduo, a necessidade de pertencimento à comunidade significa também o seu enraizamento no cotidiano do outro, bem como o reconhecimento de sua própria existência. Ou seja, compartilhar o espaço, existir com o outro funda a essência do ser, sendo possível perceber-se na medida em se descobre pelo olhar do outro. (PAIVA, 2003, p.87)

É interessante pensar em que tipo de comunicação é responsável por mediar essa relação entre a Quadra e o entorno. Falamos sobre a comunicação realizada pela grande mídia que relaciona pobreza e violência. Thompson explica que a *Comunicação de Massa* atua em um fluxo de sentido único e desenvolvida por um grupo de indivíduos que procuram “reunir e registrar informações, para produzir e reproduzir formas simbólicas, e para transmitir informação e conteúdo simbólico para uma pluralidade de destinatários em troca de algum tipo de remuneração financeira”. (Thompson, 1998, p. 32).

As mensagens são produzidas por um grupo de indivíduos e transmitidas para outros situados em circunstâncias especiais e temporais muito diferentes das encontradas no contexto original da produção. Por isso os receptores das mensagens da mídia não são parceiros de um processo de intercâmbio comunicativo recíproco, mas participantes de um processo estruturado de transmissão simbólica. (THOMPSON, 1998, p. 31)

No contraponto da visão de Comunicação de Massa, é preciso destacar o papel da Comunicação Comunitária e a colaboração do jornal “Voz da Quadra” para a propagação de uma representação da comunidade diferente da tratada anteriormente, com a preocupação em mostrar aspectos positivos daquela realidade.

Paiva explica que “o que permite conceituar um veículo como comunitário não é sua capacidade de prestação de serviço, e sim sua proposta social, seu objetivo claro de mobilização vinculado ao exercício da cidadania” (Paiva, 2003, p.140).

No mesmo sentido, Peruzzo (2006:09) caracteriza a comunicação comunitária por “processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania” (Peruzzo, 2006, p.09).

É importante destacar essa relação de cidadania e acesso aos meios de comunicação como forma de visibilidade. Para Barbalho (2003:37), “a cidadania, para



as minorias⁸, começa, antes de tudo, com o acesso democrático aos meios de comunicação. Só assim ela pode dar visibilidade e viabilizar uma outra imagem sua que não a feita pela maioria”.

Sobre essa questão, é possível destacar que no jornal comunitário as pessoas da Quadra se vêem, escutam e participam, pois as notícias são escritas por moradores da própria comunidade que optam por destacar a imagem positiva do seu ambiente. Como é destacado em depoimentos de jovens que fazem o jornal, durante os grupos focais realizados na pesquisa de monografia⁹:

Acho que é assim, por ser um jornal feito pelo pessoal da Quadra, então acho que a gente procura passar realmente a melhor imagem da comunidade. Enquanto os jornais de grande circulação, assim O Povo, Diário, essas coisas, tão mais preocupados com a notícia. Enquanto a gente tá preocupado em levantar a moral da Quadra, eles estão preocupados com a repercussão da notícia que isso pode levar. Acho que é isso. (Rafael)

A diferença do pessoal de fora, do jornal de fora com o jornal da Quadra. Começando também pelo fato de que é os próprios moradores, jovens moradores que fazem o jornal não vêem o mesmo jeito a Quadra, como o pessoal de fora vê. Porque se você for pegar um jornal que sai alguma notícia da Quadra, você já espera: “Vixe! Tão falando mal da Quadra!”. Dependendo do tema, né, também, aí já espera isso. (...) É tipo, tem uma visão diferente que nós mesmos temos. (Camila)

Para Diógenes (1998:41), “o estigma territorial, marca classificatória, produtora de uma *invisibilidade negativizada*, mobiliza os jovens moradores dos espaços segregados, territorialmente e socialmente, a ‘positivar’ tais referentes”.

Pelos depoimentos relatados acima, colhidos no grupo focal formado por jovens da Quadra durante a pesquisa de monografia, é possível perceber que para eles muitas notícias que mostram a Quadra generalizam certos problemas da comunidade. Em geral, eles criticam a forma preconceituosa com que parcela dos jornalistas trata a comunidade. Segundo eles, há, nesse sentido, muita diferença entre o que é mostrado no jornal comunitário e nos jornais de maior circulação, tais como O Povo ou o Diário do Nordeste.

⁸ Por “minorias”, entende-se um grupo que surge de uma dinâmica de conflito, são setores sociais comprometidos com uma luta pela transformação de uma identidade ou de uma relação de poder.

⁹ Participaram do grupo focal seis jovens moradores da Quadra, com idades entre 12 e 19 anos. Todos os nomes apontados na pesquisa são fictícios para preservar a identidade dos participantes. O grupo focal foi realizado em maio/junho de 2007.



Os jovens demonstram acreditar que o jornal comunitário, produzido pelos próprios moradores, consegue transmitir uma imagem mais realista da Quadra, ao projetarem um olhar da própria comunidade sobre seus problemas e conquistas. Eles apresentam também uma visão crítica ao reconhecer a tendência de minimizar os problemas da Quadra, em razão do compromisso do jornal comunitário com a promoção da auto-estima da comunidade.

Considerações finais: a coabitação cultural

Início as discussões neste artigo e pretendo aprofundar na pesquisa de mestrado a investigação sobre a relação dos jovens moradores do conjunto habitacional São Vicente de Paulo com o entorno, através da representação da comunidade divulgada em diversos meios de comunicação da cidade, fazendo um contraponto com o próprio jornal comunitário “Voz da Quadra”.

Neste artigo, o questionamento principal foi sobre a contribuição da comunicação de massa e do jornal comunitário na formação da representação dessa comunidade. Wolton (2003:22) ao afirmar que a globalização da informação acelera as divergências, questiona como organizar de maneira pacífica a questão da relação com o outro. Assim, chega à possível solução para este desafio com uma política democrática constituída pelas relações entre identidade, cultura e comunicação: *a coabitação cultural*.

Seria a tentativa de aproximação entre as realidades diferentes, facilitado pela sociedade on-line, da informação, que consegue manter esses mundos em contato, de forma lenta, seguindo a dificuldade das distâncias culturais.

A partir desses apontamentos, podemos pensar na intermediação dos meios de massa e do jornal comunitário na relação dos moradores da comunidade da Quadra com o outro. As mídias de massa aparecem como meios que podem preservar as identidades coletivas e sensibilizar o outro, representando seu mundo de forma significativa. Ao invés das notícias dos grandes jornais da cidade relacionar o tráfico de drogas ou assaltos à comunidade da Quadra, gerando uma repulsa entre os vizinhos, poderiam seguir o que o jornal comunitário já faz, aproximando as realidades através da divulgação de notícias que possibilitam uma identificação entre eles. Quando são



mostradas experiências positivas, é possível pensar que a distância cultural pode não ser tão acentuada quanto a econômica.

REFERÊNCIAS

BARBALHO, Alexandre. **Cidadania, minorias e mídia:** ou algumas questões postas ao liberalismo. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (org.). **Comunicação e cultura das minorias.** São Paulo: Ed. Paulus, 2005. p.27-38.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Emoção e subjetividade na Paixão-pesquisa em Comunicação.** Desafios e perspectivas metodológicas. Ciberlegenda. Número 4, 2001.

BENEVIDES, Maria Victoria. **Violência, Povo e Polícia:** violência urbana no noticiário de imprensa. São Paulo: Ed. Brasiliense/CEDEC, 1983.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. **A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação).** Revista Famecos, nº 20. Porto Alegre, abril de 2003. P.13-20

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Os métodos: dos meios às mediações** In Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum:** comunidade, mídia e globalismo. 2ª Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

_____. **Mídia e política de minorias.** In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (org.). **Comunicação e cultura das minorias.** São Paulo: Paulus, 2005. p.15-26.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária.** Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa “Comunicação para Cidadania”, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília-DF, INTERCOM/UnB, 6 a 9 de setembro de 2006.

RIBEIRO, Milena de Castro. **O luxo da aldeia:** a comunidade da Quadra sob o olhar jovem. Fortaleza, 2007. Monografia apresentada no Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará – UFC. 96pg.

SILVA, José Borzachiello. **Os incomodados não se retiram:** uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.



THOMPSON, Jonh B. **A Mídia e a Modernidade:** uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a Revolta:** as organizações populares e o significado de pobreza. 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

WOLTON, Dominique. **A globalização da informação.** Revista Famecos, nº20. Porto Alegre, abril de 2003. p. 21-25